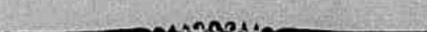


**ENSAIOS**  
**LITTERARIOS**

DO

**ATHENEO PAULISTANO.**

« Shall he alone, whom rational we call,  
« Be pleased with nothing, if not bless'd with all? »  
(POPE.)

——  
1858.—Abril.—N.º 1.  
——



**S. PAULO.**  
**TYPOGRAPHIA DOUS DE DEZEMBRO**

DE

*Antonio Louzada Antunes.*

——  
1858.

A . . . .

Tu foste o iris—que dourou-me a vida,  
Flôr encantada, que entrevi um dia,  
Tu foste o anjo que divino e casto  
Nos meus scismares—virginal sorria.

Tu foste a gotta maviosa e pura,  
Que em minha aurora derramou esp'rança  
Irmã das fadas que avivou meu seio  
Nos langues vãos da mimosa trança.

Vi-te nos sonhos do primeiro amor,  
Quando a alma em febre suspirava callida....  
Por ti, oh virgem, concebi futuro  
No mago enleio de esperança pallida.

Por ti ornei o meu porvir de flôres  
No louco anelo de minh'alma ardente;  
E em lindas fimbrias de suaves crenças  
Vagou sonhando embevecida a mente.

Nos meus delirios alvejava limpida  
A imagem tua n'um divino encanto;  
E em meus pezares uma sombra amiga  
Vinha das faces me apagar o pranto....

. . . . .  
Oh ! minha amante, ao viajor sequioso  
Deixa em teu seio descansar febril.  
Deixa o passado recordar contigo  
A' sombra meiga deste céu de anil.

S. Paulo, 23 de Setembro de 1863.

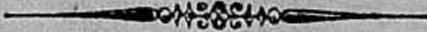
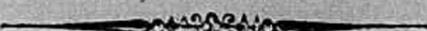
C. L. M. O.

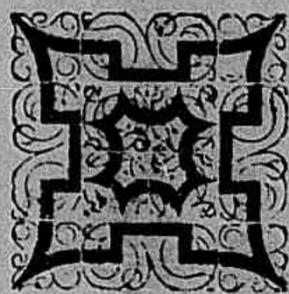
**ENSAIOS**  
**LITTERARIOS**

DO

**ATHENEO PAULISTANO.**

« Shall he alone, whom rational we call,  
« Be pleased with nothing, if not bless'd with all? »  
(POPE.)

——  
1858.—Abril.—N.º 1.  
——



**S. PAULO.**  
**TYPOGRAPHIA DOUS DE DEZEMBRO**

DE

*Antonio Louzada Antunes.*

——  
1858.

# FUNCCIONARIOS

DO

# ATHENEU PAULISTANO.

---

## PRESIDENTE HONORARIO.

O Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. João da Silva Carrão.

## PRESIDENTE EFFECTIVO.

O Snr. Luiz Joaquim Duque Estrada Teixeira.

## VICE-PRESIDENTE.

O Snr. Caetano Xavier da Silva Pereira Filho.

## 1.º SECRETARIO.

O Snr. Emilio Valentim Barrios.

## 2.º SECRETARIO.

O Snr. Bacharel João Manoel de Lima e Silva.

## 1.º ADJUNTO.

O Snr. Joaquim José do Amaral.

## 2.º ADJUNTO.

O Snr. Bacharel Antonio da Silva Prado.

## ORADOR.

O Snr. Bacharel Luiz José de Carvalho e Mello Mattos.

## THESOUREIRO.

O Snr. Frederico Dabney de Avellar Brotero.

## COMMISSÃO DE REDACÇÃO.

Os Snrs.—Antonio Joaquim de Macedo Soares.

Francisco Ignacio de Carvalho Resende.

Americo de Oliveira Monteiro de Barros.

Francisco Belizario Soares de Souza.

José Ferreira Dias.

Luiz Fortunato de Prito Abreu Souza e Menezes Junior.

---

# ENSAIOS LITTERARIOS

DO

## ATHENEU PAULISTANO.

---

### Acta da Sessão funebre do—Atheneo Paulistano—, em 29 de Março de 1858.

PRESIDENCIA DO SNR. DUQUE ESTRADA TEIXEIRA.

Às onze horas da manhã, depois de ouvida a missa que, na Igreja de S. Francisco, mandou celebrar o—Atheneo Paulistano—, pelo eterno repouso de seus Socios, os Snrs. Dr. Lindorf Ernesto Ferreira França, e José Augusto Terra; achando-se reunido numero legal de Associados, o Snr. Presidente abre a Sessão, com a recitação de um tocante discurso analogo á solemnidade. A orchestra, postada junto á entrada da Sala da Sessão, executa uma symphonia que bem exprimia o sentimento de que se achavão possuidos os membros do—Atheneo Paulistano—, pela perda de seus dous Socios, companheiros valentes nas fadigas, nas glorias e nos infortunios desta Associação.

Em seguida, tiverão a palavra os Snrs. Pedro Luiz Pereira de Souza, e Luiz José de Carvalho e Mello Mattos; aquelle, na qualidade de Orador do—Ensaio Philosophico Paulistano—, vem manifestar a parte que toma esta Associação no luto de seu irmão; o Snr. Mello Mattos, como Orador do—Atheneo—, fazendo uma succinta biographia dos dous Socios finados, esparge sobre seus tumulos lagrimas e saudades.

Assistirão á solemnidade muitos convidados, entre os quaes o—Atheneo—orgulha-se de poder nomear o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Presidente da Provincia, o Socio benemerito o Snr. Dr. Domingos de Alvarenga Pinto, o Snr. Dr. Clemente Falcão de Souza Junior, e alguns Snrs. Deputados Provinciaes, que nos honrarão com suas presenças.

Às 11 3/4 horas, o Snr. Presidente levanta a Sessão.

Sala das Sessões do—Atheneo Paulistano—, em 30 de Março de 1858.

O 2.<sup>o</sup> Secretario,  
O Bacharel *J. M. de Lima e Silva*,



**Discurso pronunciado na Sessão funebre do  
—Atheneo—no dia 29 de Março pelo Ora-  
dor do—Ensaio Philosophico—o Sr.  
Pedro Luiz Pereira de Souza.**

SENHORES.—Sempre que o—Atheneo Paulistano—revestindo-se de suas mais brilhantes galas vem solemnizar um feito que lhe é caro, soltando hymnos entusiasticos de sciencia e de gloria, radiante e bello no meio de sua prosperidade, o—Ensaio Philosophico—nunca deixa de vir saudar seu velho companheiro de letras.

Vem sempre unir á seus hymnos de gloria, um hymno de amor, á suas esperanças ardentes, um brado de coragem. E' porque ambos estam ligados por uma mesma idéa, por um mesmo principio, são deus navegantes sulcando o mesmo mar, na mesma direcção, guiando-se pela mesma estrella. Seria temeridade o querer levantar procellas que os separassem; não se luta contra a natureza, não se luta contra a harmonia.

Mas não é sempre uma idéa alegre que aqui vos conduz, Senhores. Os cantos que aqui entoaes não são sempre dictados pelo amor da sciencia, por esse entusiasmo ardente proprio da mocidade. Não: a idéa de morte tambem vos arrasta para este recinto. Então, tudo muda. As palavras que de vossos labios se desprendem são sentidas, solemnes, atterradoras como esse pensamento.

A vida do homem tem duas partes bem distinctas: uma é o prazer, o riso, as flores, a outra, a amargura, o pranto, os espinhos; uma é o sorriso de satisfação intima daquelle que goza todos os prazeres que dá o mundo, a outra é o soluço do coração anciado e oppresso pela dor. São estes os dous laços que o unem á terra desde o primeiro choro infantil até o ultimo arranco da agonia.

E vede-os, como se unem, como se encadêam, como se estreitam. Apoz a lagrima ardente vem o sorriso, apoz a esperança fagueira vem a nuvem sombria de tristeza. Eis o que produz o anhelar constante de nosso coração que nunca se satisfaz.

Senhores, o—Ensaio Philosophico—tem vindo sempre dirigir-vos uma saudação fraternal quando em vossas festas celebraes vossos triumphos; hoje que uma idéa bem triste aqui nos traz, vem derramar comvosco uma lagrima, vem deplorar a morte daquelles que desappareceram do meio de vós.

E é a morte que vos reune hoje!

Sempre esta idéa de desolação, sempre este facto tão antigo e tão extraordinario, sempre esta idéa funesta que nasceu com o mundo e que ainda não foi assaz estudada.

Vede: este é um sabio, um homem, sedento de verdade, que consagrou seus dias e suas noites ao rude trabalho da sciencia. Fez abnegação de tudo—de tudo que lhe dava uma gloria ephemera, só

procurou a verdade; procurou tudo aclarar e conhecer com a luz de sua razão.

Indagou do mundo os principios porque se rege e não satisfeito quiz ainda subir junto ao throno do Eterno e arrancar delle segredos que só lhe pertencem.

Foi um espirito immenso, poderoso, gigantesco. E no entanto chegou sua hora final, esse homem morreu, esse cerebro d'onde brotaram idéas que revolucionaram o mundo, ahi jaz mirrado, secco; essa mão, que febril pelo fogo que lhe ardia na mente escreveu tão grandes verdades, ahi está descarnada e fria.

Senhores, não são duas idéas que se repellem a idéa de morte e a idéa de sciencia?

Vede este outro. Já dominou o mundo pelo seu genio e sua espada. Fez curvar a seus pés bastantes nações, os reis beijaram-lhe as plantas e com um sorriso de orgulho nos labios esse homem ousou talvez traçar um parallelo entre si e Deos. Embriagou-se na taça do poder e da gloria e julgou-se immortal. Mas a um aceno do Omnipotente o semi-Deos tornou-se pó e confundiu-se com a lama das ruas.

Senhores, não ha porventura um contrasenso horrivel quando a gloria é atacada pela morte?

Vejam os agora um quadro mais triste.

É um joven, que deu apenas os primeiros passos no mundo, seu coração ainda preocupado pelo arrebatamento e entusiasmo que se sente ao maravilhoso aspecto das cousas da terra, quando consideradas pelo prisma da mocidade e da innocencia, não pode examinar friamente as cousas que o cercam. Levantou apenas uma pequena ponta do grande véo da sabedoria humana.

E quando ancioso de gloria, preparava-se para a grande tarefa, a morte tocou-o e elle desapareceu.

Senhores, a mocidade e a morte quando se tocam, não formam um enigma insolavel, que aperta o coração, que a razão encara aterrada?!

Pobre mocidade!

O sabio, que conheceu o mundo, que fecundou seu espirito, que combateo nessa batalha interminavel travada entre a humanidade e o erro, quando morre, dirão: «Foi um espirito eminente», derramar-se-ha uma lagrima: e eis tudo.

O guerreiro que chegou ao fastigio do poder, que vio suas idéas de grandeza acariciadas, que adquirio uma fama duravel entre todos os homens, ao cahir morto no campo de batalha, dir-se-ha: «Viveo e morreo como um heroe».

Mas quando se vê um joven que nada fez para a grande obra social, para o qual tudo sorria, para o qual tudo eram flores, cahir victima da morte, o coração verte lagrimas de sangue.

Deve ser triste, Senhores, seu ultimo adeos a tudo quanto lhe

foi caro na terra, deve ser triste ver suas esperanças irem, uma á uma, murchando, deve ser triste irem as nuvens negras da agonia, occultando pouco a pouco o brilhantismo do horisonte, desse horisonte que tanto dourara em seus sonhos.

Esses olhares tão melancolicos são a expressão da dor que o devora, são as ultimas e sentidas vistas á seus parentes e amigos, ao sol e á primavera, a tudo emfim que no mundo lhe merece uma saudade.

A florzinha de suas esperanças, essa murcha, secca, e volta ao coração d'onde sahio para com elle cahir no sorvedouro da morte.

A dor intima que então se sente quando vê-se de um lado a negridão da campa e do outro o esplendor do mundo, como foi bem expressa naquellas palavras de Alvares de Azevedo á hora da morte: «Que fatalidade, meu Pai!» Que sentimentos não acabrunhavam esse pobre coração!

Gilbert, tão joven e tão infeliz, tão poeta e tão martyrisado pela sorte, soube resumir naquella sua ultima poesia, plangente e triste como sua alma, tudo que ha de angustias nas illusões perdidas nos sonhos da terra desvanecidos.

A sede de viver o devora—como se vê daquella estrophe tão singela e tocante:

Au banquet de la vie, infortuné convive,  
J'apparus un jour, et je meurs.  
Je meurs: et sur ma tombe où lentement j'arrive  
Nul ne viendra verser des pleurs.

Oh! examinai, indagai qual a causa desse encarniçamento da morte contra a mocidade e nada podereis saber. Seu anjo da guarda baterá as azas derramando lagrimas e a pedra tumular ficará muda e fria.

É como vos digo, Senhores: é horrivel o enigma que resulta do contacto da juventude e da morte.

D'entre vós dous jovens terminaram seus dias: os Snrs. Lindorf Ernesto Ferreira França, e José Augusto Terra.

O primeiro já tinha percorrido o estadio Academico com proveito e gloria. Achava-se, quando a morte o acommetteo, gozando todas as doçuras da familia nos braços de uma esposa carinhosa e os privilegios adquiridos pelo seu bello talento que em tantas occasiões patenteou.

Entre seus collegas era o typo da bondade e do cavalheirismo. E a morte não respeitou-o!

Foi arrancal-o tão joven de seu futuro, de sua familia, de seu paiz, cortou todos os fios de seda e ouro que o ligavam ao mundo.

Foi um talento precioso que morreu.

O outro, o Snr. José Augusto Terra, tinha concluido seu 2.º anno, quando findou seus dias.

Tinha dado provas de uma intelligencia firme, esperava ver coroados seus esforços academicos e sabe Deos as idéas gigantescas que formava sobre o futuro.

Mas nem lhe foi permittido chegar ao meio do Curso Juridico: morreu. E morreu sem nada ter visto, sem nada ter gozado, sem ter á seu lado um parente que recebesse sua ultima palavra.

Pobres mancebos! Se lhes dissessem pouco tempo antes, que iam descer ao tumulo, um sorriso de duvida se desprenderia de seus labios.

Tem-se tanta confiança nos sonhos da imaginação!

O—Ensaio Philosophico—vem hoje, pois, derramar lagrimas sinceras pela perda que acaba de soffrer o—Atheneo—, elle vem consagrar algumas palavras de saudade em memoria desses jovens.

Mas, Senhores, é preciso que apoz a dor de vossos corações não venha o abatimento, apoz a tristeza não venha o desanimo. A estrella que vos guia, como outr'ora aquella que guiava os Reis Magos, está ahí sempre viva e brilhante diante de vós: caminhai para ella.

Essa estrella é a sciencia, e a sciencia é uma idéa eterna porque liga-se á Deos. Os homens vão morrendo, as sociedades vão se renovando, os annos, os seculos vão se succedendo è eil-a sempre radiante.

Senhores, olhai com saudade amarga e profunda para a sepultura de vossos irmãos, elles o merecem; mas não deixeis de olhar para vossa estrella. Um gemido de dor por essa morte tão dura, mas tambem um raio de fé para continuar a grande luta.

---

## **Historia Geral do Brasil por Francisco Adolpho de Varnhagen,**

2 VOL., MADRID—1854 E 1857.

(Noticia Litteraria.)

### I.

A litteratura brasileira está na infancia. Em seus primeiros assomos porem ella revela já a força que lhe assiste, o vigor de inspiração que a anima. A intelligencia em nosso paiz conta mais de uma conquista fecunda, mais de um triumpho brilhante. O campo da litteratura, das sciencias, da historia, da poesia tem sido illustrado com vantagem pelos filhos desta terra abençoada.

Um lugar de honra está no futuro reservado á historia litteraria do periodo, que ora atravessamos.

Essas brilhantes producções litterarias, que todos os dias ahi se ostentam á luz da publicidade em nosso paiz, testemunham com honra, que os brasileiros tambem se abalam aos grandes problemas da sciencia, obedecem ás suaves impressões da poesia, e sam talhados para os variados e severos trabalhos da litteratura.

Todos os ramos da sciencia no Brasil tem tido mais ou menos seu representante. Terá acontecido o mesmo á historia? Quem é entre nós o seu representante?

O Instituto Historico dedica-se á essa grande obra. Sua missão porem é colher os documentos, reunir os materiaes, servir como de luzeiro ao litterato, que se proponha fazer uma historia do paiz com essa unidade, que repugna á natureza dos corpos collectivos.

É essa uma necessidade, que ha muito se sente em nossa litteratura. Não que os brasileiros sejam indifferentes ás glorias de seu passado, á historia de seu paiz. Os nomes do Visconde de S. Leopoldo, do General Abreo e Lima, de Porto-Alegre, Gonçalves Dias, Pereira da Silva e tantos outros brasileiros distinctos por trabalhos vigorosos embora parciaes, protestam contra essa increpação, que porventura nos quizessem fazer.

Parece porem que as forças de um só homem não comportam o peso de tamanha empresa.

No meio desses dedicados cultores da historia patria, um nome destacou-se, que por suas aturadas investigações, por sua constancia no trabalho, por seus serviços prestados á historia do paiz, adquirio uma grande nomeada, e abalançou-se á empresa de preencher essa sensivel lacuna de nossa litteratura, á escrever uma historia do Brasil. É o Snr. Francisco Adolpho de Varnhagen.

Quando se soube no paiz, que esse illustre litterato estava na Europa reunindo os materiaes de nossa historia; quando se annunciou que elle tinha em mãos esse grandioso trabalho, todos o esperavam com anxiedade. Todos diziam: «Ainda bem! O passado vae surgir da tumba, quebrar o seu silencio de morte, e fallar-nos pela voz de um historiador notavel. O Brasil tantas vezes calumniado, desfigurado pelo estrangeiro, vae apparecer á face da Europa em toda sua magestade. A historia achou o seu representante.»

Entretanto essa obra tão preconizada acaba de apparecer, e nenhuma voz se levanta para dizer ao paiz de seu merecimento, para aprecial-a devidamente. O apparecimento de uma obra nacional vae passando desaperebido na republica das lettras.

O Snr. Varnhagen procurou atar as mãos á critica, consignando no fim do segundo volume (1) rasgados elogios, assignaladas homenagens, que lhe foram prodigalisadas, e declarou fazel-o por *ne-*

(1) P. S., pag. 497.

*cessitado a buscar nos mais fortes e mais generosos..... o apoio de que a obra carece contra as indifferenças e vociferações de tantos espiritos pequeninos» (2).*

De feito, o grande Humboldt, a Academia das Sciencias de Munich, Pedro de Angelis, Joaquim Caetano, Porto-Alegre, Viscondes de Sapucahy e Sá de Bandeira, o Conde de Van der Straten Ponthoz, Gonçalves Dias, Odorico Mendes, J. F. Lisboa (Timon), Ferdinand Deniz, a imprensa brasileira, portugueza, franceza, alleman, e hespanhola, Rebello da Silva, Dr. Martins, Rosely de Lorgues, todos concorreram, como em uma cruzada, dirigindo ao autor palavras lisongeiras e animadoras de satisfazer a mais exigente ambição litteraria.

Diante dessas autoridades respeitaveis, diante desses vultos magestosos das litteraturas estrangeiras e nacional, a critica sente-se quasi desarmada, receiando não poder acrescentar uma palavra ao parecer de juizes tão abalisados.

Por maior porem que seja o respeito, que protestemos por esses grandes nomes, entendemos, que suas recommendações não salvam a obra do exame da critica litteraria. Releve-nos o distincto escriptor: é um perfeito engano querer com ellas declinar essa competencia. O tempo das autoridades passou: um grande nome não santifica o erro, não communica perfeição á mediocridade, se ella existe. A primeira e unica recommendação de uma obra, seu verdadeiro escudo contra o poder da critica, é o seu merecimento intrinseco. Fazei uma obra sem merecimento; ajuntae-lhe quantos elogios de grandes homens quizerdes: por fim tereis sempre e inexoravelmente uma mediocridade. Deos nos livre de semelhante despotismo litterario. As idéas não valem pelo nome que as rubrica, e sim pelo que ellas sam.

Chateaubriand disse: «a critica nunca matou o que deve viver, e o elogio, sobre tudo, nunca deu vida ao que deve morrer.» O mesmo podemos dizer desses rasgados elogios. Para nós é um segredo desconhecido essa virtude, que o Snr. Varnhagen nelles descobre contra a critica.

Demais: essas homenagens podemos traduzil-as como simples cortesias, inspiradas alias pelo nobre desejo de animar o autor: mas o juizo sobre sua obra, dictado por uma critica imparcial e severa, ainda não appareceo. Essas cartas tão lisongeiras dirigidas ao autor não constituem a critica litteraria. Cumpre quebrar essa mudez, que se tem guardado em nosso paiz sobre uma obra de tanta importancia; cumpre aprecial-a devidamente e dar-lhe o seu justo quilate. Não comprehendemos, que as lettras se calem, quando pela primeira vez apparece á face de seu paiz um brasileiro reclamando para

(2) Tomo 2.º, Prefacio, XIV.

o seu livro os foros de uma—historia nacional. Esse silencio nem mesmo ao autor póde ser proveitoso.

Julgamos ser um dever da imprensa brasileira consagrar mais do que uma simples noticia á essa obra de tanta importancia. É o interesse das lettras patrias, quem o reclama.

Não nos liga o escrupulo de dever a critica ser indulgente em um paiz novo sob pena de matar as aspirações nascentes, destruir as vocações ainda não firmadas. O Snr. Varnhagen é um vulto constituido em nossas lettras; não precisa soccorrer-se á esta indulgencia.

## II.

Os louvores, que mereceo a *Historia Geral do Brasil* do Snr. Varnhagen, dam a medida da reputação litteraria, de que ellè goza no Brasil e na Europa. Mas cumpre-nos, no interesse da sciencia, não admittir sem exame esses elogios; cumpre verificar escrupulosamente, se o illustre escriptor correspondeo á essa honrosa expectativa, e se a sua obra reúne os caracteres de uma verdadeira historia.

É o que nos propomos examinar succintamente.

Depois que Chateaubriand descreveo os caracteres da historia e os dotes do historiador, fôra ousadia de nossa parte tentar acrescentar uma palavra a essa pagina sublime dos *Estudos Historicos*. Para o nosso fim basta lembrar a nobre e elevada missão do historiador. Assumindo esse character, elle constitue-se o severo juiz das gerações passadas; tem de julgar seus actos, seus crimes, suas virtudes. Se para julgar um acto humano faz-se precisa uma tão grande somma de saber, quanta não será necessaria para julgar uma geração inteira?

A historia é uma lição para o futuro. Por isso o historiador deve ser dotado de um saber vasto e profundo, quasi universal. Diante d'elle comparecem todas as gerações passadas, e em mudo silencio ouvem de seus labios a grave sentença, que julga de seus feitos.

Não é tudo: o historiador deve ainda ter um espirito superior, idéas elevadas, grande saber, e sobre tudo essa intelligencia poderosa, que domina os factos, e delles deduz as lições, que devem aproveitar ao futuro: é por esse preço, que elle explica as causas dos acontecimentos, desenvolve suas consequencias, subordina-os á um systema, ligando-os no quadro de uma sabia narração.

Longe de deter-se na exposição descarnada dos factos materiaes, deve-nos mostrar o nexos, que os ata, porque a historia da humanidade é uma grande cadêa, cujos elos estam todos ligados. Sem idéas geraes não ha historia.

Para o desempenho dessa tarefa grandiosa não chega a vida de um só homem.

O historiador é á um tempo o que investiga o facto, reúne os

materiaes, estuda os documentos, apura a verdade, e o que os dispõe em uma ordem natural e methodica, formulando depois o seu juizo frio como a razão, imparcial como a justiça. O estudo do facto e a apreciação philosophica constituem o historiador.

É porisso que aquelle, que se propõe á uma tarefa tão pesada, deve antes de tudo attentar na gravidade da empresa, consultar e medir suas forças para fazer-lhe face: mas uma vez empenhado nessa grande obra não lhe é dado despir o character do historiador, e desmentir em uma producção menos digna sua elevada missão. Então tem-se direito de ser severo e exigir contas daquelle, que contrahio uma tão grave responsabilidade, querendo cingir sua frente com os louros de historiador.

Não somos nós, que o dizemos: é o grandioso vulto da litteratura portugueza, o creador da historia nesse paiz, quem o declara: é elle que, no prefacio de sua monumental—*Historia de Portugal*, em nome do interesse da sciencia reclama toda a severidade da critica para o seu livro; é elle, que pede, que lhe apontem os erros, e proclama nobremente que não quer indulgencia para o historiador. Que honrosa abnegação do individualismo pela historia! Que sublime dedicação pela causa da sciencia!

Entretanto o Snr. Varnhagen mostra-se intolerante contra qualquer reparo, que se faça á sua obra (3), e soccorre-se dos grandes nomes contra a critica!

Que differença entre o historiador portuguez e o autor da—*Historia do Brasil*?

### III.

Passemos agora a examinar, se o Snr. Varnhagen possui os requisitos de historiador, e se a sua *Historia Geral do Brasil* reúne os caracteres da historia.

Antes de tudo cumpre render um tributo de justiça ao illustre escriptor. Não datam de hoje os relevantes serviços por elle prestados á historia patria. Investigador laborioso e incansavel, o autor da *Historia Geral do Brasil* tem com um trabalho insano recolhido os documentos de nossa historia, reunido seus materiaes, e salvado da acção destruidora do tempo muitos dos monumentos de nosso passado. É essa uma gloria, que ninguem com vantagem lhe póde disputar. Por este lado sua *Historia Geral do Brasil* recommenda-se ao paiz como digna de grandes louvores. Ha ahi em geral um apurado criterio na averiguação dos factos, que o autor apoia pela maior parte em documentos, muitos dos quaes por elle mesmo descobertos.

Mas as aspirações litterarias do Snr. Varnhagen vam mais lon-

(3) Tomo 2.º, pag. 466.

ge: elle não se contenta com o titulo de chronista. Buscou uma vereda inteiramente nova. Os que escreveram antes d'elle não comprehenderam a historia (4). O illustre diplomata veio preencher essa lacuna, levantou seu pensamento á ser historiador da patria (5), e escreveu a historia do Brasil.

O autor pretende para si os foros de historiador e o faz sentir mais de uma vez em sua obra.

Infelizmente porem esse titulo não póde caber ao Snr. Varnhagen. Sua *Historia Geral do Brasil* está mui longe de acreditarlo como dotado dos caracteres de historiador. Falta-lhe methodo, severidade, e na execução o autor não podia ser mais infeliz. Suas reflexões, repetidas á miudo com grave prejuizo da narração, sam despidas de interesse, selladas com o cunho da mediocridade. Em vez de lêr a grande epopea nacional, o leitor fecha o livro desconsolado e triste, victima de uma amarga decepção!

O Snr. Varnhagen não é historiador: é um mediocre chronista.

Desde o principio de sua obra elle o revela.

Um magestoso vulto assoma no grande portico do descobrimento da America; o nome de Colombo abre a primeira pagina da historia do Novo-Mundo. O raio da civilisação foi por esse homem extraordinario trazido á escuridão das trevas, que envolviam estas plagas desconhecidas.

Pois bem; o historiador do Brasil desculpa os «*cosmographos, que com as razões que lhes dava a sua sciencia não acreditaram nas do mesmo Colombo, as quaes segundo hoje sabemos não eram de bastante peso, e exclama: «Fragilidade humana que porque nisso ganhámos todos chamamos sciencia o que não passou de ser um erro feliz!»*» (6).

Em vez de pagar o devido tributo de homenagem á esse grandioso character, o Snr. Varnhagen amesquinha-o, despe-lhe sua roupagem brilhante, arranca-lhe da frente esses louros immarchessiveis conquistados á custa de tantos sacrificios, á custa de um sangue generoso, que as gerações futuras mal podem pagar com a veneração de seculos!

Não contente com isso, o illustre escriptor, fallando do descobrimento do Brasil, acrescenta esta singular consideração: «*Assim este descobrimento..... devido á causas que nada tinham que ver com as explorações do celebre Genovez, houvera agora feito conhecer esta quarta parte da terra ás trez, que antes umas ás outras se conheciam, se o discipulo de Ailly e de Toscanelli tivesse por quaesquer tristes contrariedades sido embargado durante mais sete ou oito annos na execução de sua empresa.»*

(4) Tomo 2.º, pag. 348 e 349.

(5) » 1.º, » 165.

(6) » » » 6 e 7.

Eis «o resultado de largos annos de estudos e meditações!»

O Snr. Varnhagen porem quiz dar-nos provas ainda mais significativas e evidentes, que fallecem-lhe de todo os dotes de historiador. A leitura attenta de sua obra é uma prova cabal desta verdade.

Fazendo ostentação de saber, enxertou em sua obra materias estranhas, digressões sem interesse historico, triste resultado de um prurido de vã erudição!

Fallando das Ordenações, diz elle: *com este nome constituem por ora o fundamento da legislação brasileira, com menos gloria de nosso governo e de nossos jurisconsultos, que ainda não se deram ao trabalho de fazer dellas uma nova reformação, riscando ao menos de seus artigos os degredos PARA O BRASIL, e para Africa e couto de Castro-Marim, e outras ridiculesas deste jaez»..... Constan as Ordenações de quatro distinctos codigos chamados LIVROS..... O quarto vinha a ser o codigo civil» (7).*

Custa a crer que estas excrescencias, que nos abstemos de qualificar, façam parte de uma obra historica.

E' pena que uma obra de tanto trabalho, e que sem duvida alguma grangeou ao autor a gloria de reunir os materiaes de nossa historia, seja tão deploravelmente desfigurada por semelhantes ostentações de erudição.

Deixamos ao bom senso do leitor verificar, se ha aqui alguma cousa, que abone o Snr. Varnhagen como historiador. Pobre litteratura nacional! Pobre Brasil!

#### IV.

Somos agora chegados á um assumpto da mais alta importancia, que revela em grão imminente a pobreza litteraria do Snr. Varnhagen, e dá-nos um documento irrecusavel de que elle poderá ser tudo, menos historiador. Queremos fallar dos indios.

Abramos sua obra e leia o leitor comnosco:

«No captivar o gentio da propria capitania foram os donatarios mui parcos, e só consideravam legitimamente seus os que haviam sido aprisionados na guerra. E devemos confessar que esta pratica, fundada no chamado direito dos vencedores, tinha tendencias civilisadoras, e em alguns pontos chegou a produzir o influxo benefico de poupar muitas vidas.....

.....«Quanto a nós, tem-se clamado demasiado injustamente contra as tendencias dos primeiros colonos de levarem á ferro e fogo os Barbaros da terra, agrilhoando-os, matando-os ou escravizando-os. Por via de regra, para com os indios, os donatarios conduziram-se ao principio do melhor modo que lhes era possivel.....

(7) Tomo 1.º, pag. 76.

..... «Os christãos..... saiam a aggre-dil-os (os indios); e os prisioneiros de guerra traziam-os para captivos. E cumpre confessar que não havia nesta pena retaliação.

..... «Foi a experiencia, e não o arbitrio nem a tyrannia, quem ensinou o verdadeiro modo de levar os Barbaros, impondo-lhes á força a necessaria tutella, para accitarem o christianismo, e adoptarem habitos civilisados começando pelos de alguma resignação e caridade.»

«As providencias de mal entendida philantropia, decretadas depois pela piedade dos reis, e sustentadas pela politica dos Jesuitas, foram a causa de que os indios comesçassem pouco á pouco a serem unicamente chamados á civilisação pelos demorados meios da cathequese.»

«Se o uso e as leis tivessem continuado a permittir que a cobiça dos colonos bem encaminhada arrebanhasse os selvagens do Brasil, sugaitando-os primeiro ao menos por sete annos, como a servidão israelita.....» (8).

«A escravidão e a servidão sam admittidas ainda hoje, com nomes differentes, nos codigos das nações mais liberaes..... O que é condemnado á galés temporarias ou á presidio é servo do Estado durante o tempo que cumpre a sentença.» (9).

«A escravidão e a subordinação sam o primeiro passo para a civilisação das nações» disse com admiravel philosophia e coragem o virtuoso e sabio bispo brasileiro Azeredo Coutinho. Esta verdade foi reconhecida pelos antigos..... E tanto a reconhecemos nós mesmos que só por ella podemos explicar..... a theoria do nosso direito penal que condemna os criminosos ás galés, que sam uma escravidão perpetua com grilhões.» (10).

«O certo é porem que os interesses do Estado não estão em certos casos (temporariamente) de accordo com os sentimentos da mais generosa philantropia.»

«Ostente pois embora falsamente, á custa dos indios, o escriptor estrangeiro e não christão, todo o luxo de pseudo-philantropia que sacie o seu Rousseau-niano enthusiasmo philo-selvagem; um historiador nacional e christão tem outros deveres a cumprir: e um filho de S. Paulo não poderia deixar de seguir as opiniões, que temos a fortuna de partilhar, sem faltar ao respeito á memoria dos Buenos, dos Ramalhos, dos Lemes, dos Paes, dos Reudons, dos Toledos e de outros que alargaram, á custa de victorias sobre os Bugres ou indios barbaros as raias da civilisação da patria.» (11).....

Falta-nos animo para continuar á percorrer essas paginas deplora-

(8) Tomo 1.º, pag. 174 á 179.

(9) » » » 466, Nota 80.

(10) » 2.º, Discurso Preliminar, XXI.

(11) » » » » XXVIII.

raveis, em que o coração se confrange de dor ao vêr a historia despir o seu character para santificar tanta iniquidade. Eis seus sentimentos á respeito dos indios, elle que diz-nos que *o espirito de generosidade guiou sua penna*, e que, ao escrever sua historia, *nos olhos lhe borbulhavam piedosas lagrimas!*

Comprehendemos um fanatismo pelo passado, uma saudade pelos tempos que se foram. Mas se hoje á face da civilisação do seculo XIX apparecesse quem quizesse resuscitar a inquisição com suas fogueiras, o absolutismo com seu cortejo de arbitrio e prepotencia e santificar seus crimes, a humanidade levantar-se-hia tomada de horror e esmagal-o-hia sob o o peso de sua indignação.

Entretanto o historiador do Brasil inventa uma jurisprudencia desconhecida e barbara para santificar os erros do passado! Nessas tribus errantes, que percorrem nosso solo, não ouve o gemido triste do indio, que pranteia a perda de sua patria! Quer ainda a escravidão para elles, coitados, os renegados da civilisação! Quizera trocar as conquistas gloriosas, que para o estado de civilisação actual accumularam á custa de penosos sacrificios todas as gerações passadas, pelos tempos tenebrosos da ignorancia e da infancia da humanidade!

Vêde como elle ressuscita os erros do passado, os partos do fanatismo de outras eras, e os consubstancia em sua historia!

.....«captivar ou vender negros ou outra qualquer gente é negocio licito, e *de jure gentium*, no dizer dos theologos, como a divisão e partição das coisas; e ha bastantes titulos em virtude dos quaes póde ser uma pessoa justamente capiva e vendida.....  
..... os paes em extrema necessidade, tem faculdade natural de vender seus filhos para remedio.» (12).

E é a isto, que se chama historia nacional! Se queremos ter uma litteratura digna desse nome, não sejamos tam faceis em baratear essa denominação á um livro, que pelo lado scientifico desafia todo o poder da critica. Essas doutrinas repugnam tanto á indole nacional, que não haverá um só brasileiro, á quem não assome o rubor ás faces percorrendo estas paginas!

E o que é mais: o Snr. Varnhagen refez o passado no sentido de suas idéas, mutilou a verdade historica para fazer prevalecer sua opinião.

Quereis saber os soffrimentos do gentio, os crimes do colono? Ouvi o apostolo do Novo-Mundo, o Padre Manoel do Nobrega, testemunha contemporanea, que, em Carta de 5 de Julho de 1559 á Thomé de Souza, assim se exprime:

«Em toda a costa se tem geralmente por grandes e pequenos que é grande serviço de Deos Nosso Senhor fazer aos gentios que se comam e se travem uns com os outros..... e nisso dizem consis-

(12) Tomo 1.º, pag. 261 e 262.

tir o bem e segurança da terra, e isto approvam capitães e prelados, ecclesiasticos e seculares, e assim o poem por obra todas as vezes, que se offerecem, e daqui vem que nas guerras passadas que se teve com o gentio sempre dam carne humana á comer, não somente á outros indios, mas á seus proprios escravos. Louvam e approvam ao gentio o comerem-se uns aos outros, e já se acham christãos á mastigar carne humana para dar com isso bom exemplo ao gentio.»

Não é tudo: ouçamos ainda o Jesuita Simão de Vasconcellos na sua *Chronica da Companhia de Jesus*:

.....«não houve commercio vil, barbaridade, violencia, extorsão, e immoralidade, que os portuguezes não praticassem em todas as capitancias com aquelles a quem chamavam selvagens, mas a quem neste ponto excediam em selvageria.»

E como poderia deixar de ser assim?

Ninguem ignora qual a qualidade da população, que Portugal nos primeiros tempos do Brasil escoava para este malfadado paiz. Ahi estam as Ordenações para dizel-o.

Pois bem: livre dos grilhões que o prendiam, atirado na terra virgem do Brasil, o crime encontrava aqui um vasto theatro para suas iniquidades, e assignalava seus passos com o sangue e com a morte. Suas pegadas estam ainda impressas na destruição de uma raça inteira de homens; e o Sr. Varnhagen, *o historiador nacional e christão*, tem para o indio a escravidão, e para o colono a apothese!

Mas não; o coração brasileiro renega esses sentimentos. Ahi estam os brilhantes escriptos do Sr. Dr. João Francisco Lisboa para attestal-o. Comparae suas palavras com as do Sr. Varnhagen, e julgae.

«Parece-nos (diz esse illustrado escriptor) que uma vigilancia mais que mediocre bastaria a precaver-nos contra as aggressões imprevistas a que são usados (os indios), e cujos estragos parciaes não são em todo o caso para pôr-se na balança com a sua escravidão ou destruição systematica. Esses damnos, demais disso, podem ainda ser obviados pelos meios pacificos da cathequese. Os cabedaes fundidos nessa verba de verdadeira caridade nacional não seriam porventura os mais malbaratados do nosso orçamento.

«Se comtudo nada podemos contra a natureza das cousas, se não ha maneira de vencer a profunda incapacidade do indio para a vida civilisada sem recorrer-mos á violencia, deixemol-o muito embora entregue aos seus destinos, tranquilla e satisfeita a consciencia publica com haver tentado para o policciar todos os esforços permitidos e aconselhados pela justiça e pela moral.».....

.....  
 «E todos estes horrores que o passado vio na sua maior plenitude e hediondez, e cujo triste reflexo ainda enluta o presente, haviamos nós, os herdeiros forçados da escravidão africana, ensaiados

de novo sobre os indios acrescentando novas paginas ao livro funesto que os nossos maiores escreverão com sangue!» (13).

Eis a historia! Eis o historiador!

Essas palavras notaveis, selladas com o cunho da mais generosa philantropia, vingam a indole brasileira do desar, que lhe viria em sancionar as idéas do Snr. Varnhagen.

Que differença entre os dous escriptores!

E o Snr. Varnhagen pretende cingir sua fronte com os louros de historiador, ao passo que o illustrado autor dos *Estudos Historicos* apenas reclama para o seu livro o modesto titulo de *Apontamentos!*

A modestia foi sempre o caracteristico do verdadeiro merito. Só a mediocridade procura ostentar titulos, que não possue.

Este assumpto, que fórma á nosso vêr a parte mais imperfeita da *Historia Geral*, quebraria a unidade de nosso trabalho, se lhe dessemos aquella extensão á que elle se presta. Forçoso nos é pôr-lhe termo para considerar outros pontos não menos importantes, que ahi se adiantam reclamando nossa attenção.

## V.

Se nas paginas, que acabamos de percorrer, não encontramos o historiador, as seguintes continuam ainda á desmentir esse titulo que o autor arroga para si.

Em vez da narração severa da historia, das lições que ella proclama, o leitor acha-se de repente com grande sorpresa envolvido em uma tea enredada de detalhes, ou de prolixas digressões, que nenhuma connexão tem com a historia. Entretanto as causas geraes dos factos, o elo que os prende, ficam esquecidos para sempre.

Assim o autor nos refere, que nos tempos coloniaes, durante o entrudo, *lançavam-se agua, ovos e farinhas; que então não erão taes accomettimentos feitos como hoje com limõesinhos de cera com agua de cheiro; que as fogueiras e os foguetes de Santo Antonio, S. João e S. Pedro eram de indispensavel condição, e que não haverá talvez no mundo paiz em que se queime em polvora mais dinheiro que no Brasil.*» (14).

Depois diz elle: «já se conjugava em todos os modos e tempos no Brasil o verbo *rapió.*»

Quem dirá que esta linguagem, desfigurada por estes pretenciosos jogos de espirito, esteja na altura da historia?

Em outro lugar, dando noticia da conspiração socialista na Bahia em 1798, transcreve no texto da obra pasquins, que nunca poderão elevar-se á altura da historia.

(13) *Estudos Historicos* por Timon; Mercantil n.º 96 de 11 de Abril de 1858.

(14) Tomo 1.º, pag. 174.

Não acabariamos, se quizessemos aqui consignar esses graves defeitos, que deturpam a *Historia Geral do Brasil*. Entretanto o autor não cessa de encarecer a unidade do plano e a concisão da execução!

Tudo nos accusa nesta obra a ausencia completa da severidade da historia. Que triste preocupação de sua individualidade tem o Snr. Varnhagen! É uma idéa constante, que paira sobre seu espirito. Já no meio da narração historica o autor acha sempre meio de fallar de si e pôr em scena sua individualidade. O homem absorve o historiador.

Assim o autor consigna em sua historia factos «talvez de nenhuma importancia para o leitor, mas casualmente da mais alta para elle; pois que esse facto se refere ao pedaço de humilde chão, que, mais de dois seculos depois, o vio nascer e começar a trabalhosa peregrinação deste mundo.» (15).

Para o Snr. Varnhagen o interesse historico de um facto varia, segundo é elle relativo, ou não ao lugar do nascimento!

O autor chega á transcrever entre os documentos uma carta sua, em que offertou cem mil réis para estatua do Snr. D. Pedro I! Depois, fazendo a auto-biographia de seu pai, vae este ao ponto de referir, que o mesmo era bom pianista, e que foi condecorado com tal ou tal commenda em tal ou tal epocha.

Uma memoria historica mesmo pediria mais severidade.

Quem não sabe esquecer sua individualidade e abdicar o amor proprio para seguir a causa da verdade, é indigno do sacerdocio que ella confere.

Não é tudo. O illustre diplomata achou que a historia era o meio mais proprio para formular suas propostas, e ahí temos sua obra interrompida a todo o momento por digressões sem interesse, verdadeiros *hors d'œuvre* em um trabalho deste genero.

Aqui propõe elle, que «os governos introduzam a criação de repartições, em que todo o cidadão seja obrigado desde sua maioridade a consignar suas ultimas disposições. Ali propõe uma *capellinha gothica* em memoria do bispo Fernandes Sardinha, uma estatua para Bobadella, e brasões de armas ás provincias. Depois propõe a canonisação de dous beatos brasileiros, e que se commemorem os nomes celebres «nos barcos de guerra, e até nas proprias motrizes das vias ferreas.»

Adiante propõe ainda um novo modelo para a bandeira brasileira «mais artistico, mais em harmonia com o tope e com o proprio escudo d'armas, e mais economico.»

É assim, que o Snr. Varnhagen desempenha as promessas, que faz de «alguma que outra vez sem abusar..... fazer aquellas ponderações á que for levado por intimas convicções.»

Quereis saber de que genero sam essas ponderações? Vêde as suas *considerações em favor da herança das honras*:

«Opinamos que a aristocracia hereditaria tem por si o apoio da razão; pois uma vez que, particularmente, do que alcançou cabedades votando-se ao commercio, ou a qualquer industria braçal ou mental, respeitamos a propriedade transmittida aos filhos e netos, não concebemos que igualdade de justiça haja em excluir do gozo da hereditariiedade a certas recompensas publicas *ganhas* pelos que, em vez de terem dedicado a vida a juntar dinheiro, a gastaram mais nobremente servindo a patria, á custa de seu sangue, do seu cogitar, e até da sua propria fazenda (!)..... O que deveras ama a gloria, mais sacrificios fará por adquiril-a, quando a veja no futuro por todas a fórmias perpetuada, e quando a patria recompense nos filhos sua abnegação, e lhes assegure a propriedade das honras, que elles em vez de dobrões juntaram.» (16).

Que materialismo descarnado!

Dóe-nos profundamente, que no frontispicio desse livro repugnante por seus principios esteja inscripto esse titulo sympathico —Historia do Brasil—.

Parece que o illustre escriptor só quiz dar-nos provas de sua incapacidade para a historia, e nesse empenho não podia ser mais bem succedido. Não é possivel ostentar-se mais mediocridade á par de uma mais pretenciosa erudição.

Definindo sua individualidade de escriptor, diz elle:

«Somos sempre sinceramente catholico, sem deixar jamais de ser cidadão (para sustentar as prerogativas da corôa, que em geral pela maior parte são as do antigo padroado) e acreditando sem cessar, para os grandes successos, na Providencia Divina, em harmonia com o proverbio que diz: «o homem põe, mas Deos dispõe.»

Se aqui está o historiador, elle é tão microscopico, que não podemos divisal-o. Mas deixemol-o completar o seu pensamento e desenhar o todo do historiador.

«Politicamente (continúa elle), sendo por fortes convicções monarchista, admiramos tambem a bella instituição das nossas assembleas annuas, fomentadoras da integridade da nação, atalaias do seu governo e fiscaes dos proprios tributos.»

Que espirito innovador tem o Sr. Varnhagen? Que admiravel revolução na sciencia politica! Não contente com a aristocracia hereditaria, e com a escravidão dos indios, o autor da *Historia Geral* enriquece ainda o Direito Publico com a engenhosa descoberta de *assembleas annuas fomentadoras, atalaias, e fiscaes!*

Quem quizer ter uma idéa da universalidade dos conhecimentos do Sr. Varnhagen n'esta materia veja o seu profundo juizo sobre Montesquieu—desse pensador *desconnexo, irreverente e paradoxal,*

que soube insinuar ao publico com hypocrita malicia e subtil finura, as sympathias, já pelo governo republicano....., já pelo representativo, extasiando-se perante as duas Camaras do governo inglez, cujas mais occultas molas alias desconheceo.» (17).

Deixemos porem o illustre diplomata dar o ultimo traço em sua phisionomia litteraria, para assentar o seu busto magestoso na galleria dos historiadores da patria. Ainda bem que o autor da *Historia Geral* não quiz, que a posteridade viesse a perder os lineamentos dessa grande figura, e encarregou-se de os descrever elle proprio em toda sua inteireza!

«Civilmente (continúa elle) somos defensores dos prestigios honorificos, com que em proveito do estado os governos tiram partido da natural vaidade humana.» (18).

Alem desses graves defeitos a *Historia Geral* apresenta muitos outros não menos importantes, que lhe tiram quasi todo merecimento.

Na apreciação das cousas e dos homens, o Snr. Varnhagen não podia ser mais infeliz. Um unico exemplo justifica esta asserção.

Fallando de Hypolito José da Costa, diz elle:

«Em nosso entender este illustre filho da America fez á independencia do Brasil mais serviços do que Franklin á dos Estados-Unidos.»

Para que havemos ser exagerados na apreciação de nossos homens? Seremos acaso tão pobres de glorias em nosso passado, que necessitemos torturar a verdade historica para engrandecel-o?

Ninguem desconhece os relevantes serviços prestados por aquelle benemerito escriptor á causa do Brasil: mas poderá seu nome sem desmaiar sustentar parallelo com o magestoso vulto da independencia dos Estados-Unidos, desse engenho poderoso de quem Turgot disse:

«*Eripuit cælo fulmen, sceptrumque tyrannis*»?

Se o Snr. Varnhagen é exagerado em engrandecel-o, não menos o é em amesquinhal-o. Completa o seu retrato com as seguintes palavras:

«Assevera-nos pessoa que devia estar bem informada, que, como particular, não foi um modelo, e que pelo contrario passou parte da vida devassamente».....

É assim: esquecido da gravidade de sua missão, o Snr. Varnhagen desvirtua o nobre sacerdocio da historia, devassando cruelmente a vida particular. O historiador não revolve as cinzas dos mortos para profanar sacrilegamente sua memoria: ha uma religião do tumulo, como ha um tribunal da historia.

Quando a lapida do sepulchro desce sobre o cadaver do homem

(17) Tomo 2.º, pag. 291.

(18) Tomo 2.º, Prefacio, X e XI.

publico, julgam-se seus actos com severa imparcialidade; mas não se tem o direito de rasgar-lhe as carnes para fazer a autopsia de sua vida particular.

## VI.

Tudo na obra do Snr. Varnhagen é palido e sem vida! Nada ha ahi, que recorde a severidade da historia, nada que faça repou-sar um momento o leitor n'essa ingrata peregrinação litteraria.

As digressões com que elle buscou amenisar a aridez da narra-ção, o simples bom senso as reppelle de uma obra historica.

Veja-se a sua dissertação sobre navegação aerea, que vem en-corporada no texto da historia.

«O problema da navegação aerea é tão antigo como a humani-dade, e se a raça humana não acabar, elle tem de resolver-se favo-ravelmente; e então sim que as nações experimentarão uma verda-deira revolução, e ai d'aquellas, que tendo julgado a resolução do problema impossivel não se hajam preparado para aguentar os abalos e choques dessa revolução! Quando vemos que os passaros voam, que voam os morcegos, que não são mais que pequenos quadrupe-des alados, quando observamos que tanto estes como aquelles caem, apenas pela ruptura de uma das azas lhes falta o equilibrio, com que, á custa da resistencia do ar, se mantinham suspensos, somos levados a crer que á mente se nos apresenta como mais facil o problema da navegação aerea (executado não pela escassa força muscular do ho-mem para tal, mas pela força das machinas que se póde elevar ao gráo que se deseje), que esse outro, que (apezar de muito mais com-plicado) ella já resolveo, da navegação maritima. Para servir-se das velas, com ventos largos e á bolina, para navegar com barcos de vapor, o homem poz de sua parte esforços extraordinarios de in-venção e de intelligencia, ao passo que do problema da navegação aerea a mesma natureza apresenta modelos para o adejo ou remigio, e só nos cabe estudar-lhe suas leis dynamicas e emital-as e applical-as em ponto grande, em uma machina; já que para o realisar pes-soalmente não tem o homem em si força muscular sufficiente.—A esta imitação e applicação se póde pois redusir a arte de resolver o problema da navegação aerea, com a unica particularidade de que a melhor fórma do solido voador deverá ser achatada e horisontal, a fim de poder seguir todas as direcções, soffrendo seu bojo a me-nor resistencia do ar, e a menor impressão possivel dos ventos con-trarios. Tambem se póde prever que quanto maiores forem taes vehiculos aérios tanto mais vantajosos hão de ser. Seus ancoradou-ros serão no espaço athmospherico, que por toda a parte terá a profundidade que se requeira.» (19).

Aqui toda a severidade da critica é pouca. Pois que! O Snr. Varnhagen proclama, que «*consagrou ao Brasil suas vigílias para escrever com unidade de fôrma e com a dos principios, que professa, uma conscienciosa historia geral da civilisação de nosso paiz, padrão de cultura nacional; diz que para isso «fez abnegação de tudo, e que a integridade do Brasil vae agora ser representada entre as historias das nações por uma historia nacional; entrevê já a immortalidade coroando suas locubrações: e entretanto desfigura as paginas de sua obra com essas digressões futeis e rediculas, que nem se quer estam na altura da memoria!*»

Demos ás cousas seu verdadeiro nome. A *Historia Geral do Brasil* é uma mediocridade, que nunca poderá ser condecorada com o titulo de historia, se quizermos ter litteratura digna desse nome. Que pasmosa inversão de idéas! Que satira viva á illustração de nosso paiz! Que idéa formará de nós o estrangeiro, quando percorrer essas paginas desmaiadas e sem vida, e disser: «*aqui está a historia do Brasil!*»

Em materias litterarias não ha condescendencias: padece com ellas a causa da verdade. Animam-se os esforços da intelligencia, estende-se a mão ás vocações nascentes, deferem-se ao merecimento as honras do Capitolio; mas não se baratea o titulo de historiador á um fazedor de memorias, pobre de idéas, pobre de saber. Não amesquinhemos assim a litteratura nacional.

O estilo, a linguagem do Snr. Varnhagem sam um documento vivo de que elle não possui essa arte brilhante de escrever, esse segredo de dar ao pensamento uma roupagem nobre e severa. A pobreza da fôrma acompanha a pobreza das idéas.

Ouçamol-o, a elle proprio, revelar-nos os segredos de seu estilo:

«*Longe estavamos porem com isso de significar que, em alguns casos como na descripção do Rio de Janeiro, por exemplo, não nos esforçariamos para elevar, e até para empolar o estilo, a fim de pintar com mais verdade esta verdadeiramente empolada paragem da terra, ou que n'outros não consentiríamos que os periodos sahissem aquecidos com o calor da convicção ou do patriotismo ou de qualquer outra paixão nobre, e repassados do nosso modo de sentir na presença de successos, que fôra necessario ser de pedra uma pessoa para não se commover.*»

Pois bem: vamos vêr esses *periodos aquecidos com o calor da convicção ou do patriotismo*. É a descripção do Rio de Janeiro. O Snr. Varnhagen vae mostrar que *não é de pedra para não se commover ante esta verdadeiramente empolada paragem da terra, e que sabe comprehender a magestade de nossa terra:*

«*Outro morro parece postado nem que para offerecer sobre si um ponto quasi no firmamento, donde o homem fosse absorto admirar o conjuncto de tantos prodigios. Por estar como vergado,*

a fim de permittir mais facil subida, lhe chamaram o *Corcovado*, denominação esta que, alem da falta de caridade da parte de quem a deu, envolve uma especie de ingratição dos que ora a seguimos. E máo grado nosso lh'a applicamos tambem neste momento, em que no seu cimo concebemos estas poucas linhas.....» (20).

Eis a obra, que se diz inspirada pela phisionomia do paiz, e com a qual, diz o Snr. Rebello da Silva, acabam de enriquecer-se ambas as litteraturas!

Pela nossa parte ficamos sorprendidos, quando depois da leitura da obra deparamos no fim do 2.º volume com aquelles rasgados elogios, que seriam ainda um enigma para nós, se não soubessemos, que já as cartas de recommendação estam admittidas na republica das letras.

O estilo do Snr. Varnhagen já o leitor o conhece. Encontramol-o por toda a parte inferior á severidade da historia. Á todo momento encontramos trechos deste gosto:

«A penna com que escrevemos *resiste* a tratar do donatario da Bahia, *naturalmente commovida* pela dor que nos punge o coração.»

A linguagem, bem que em geral castiça, é cheia de affectados trocadilhos, que tiram-lhe toda a graça, como o deixam ver os trechos, que havemos transcripto; e não sabemos se em bom portuguez se possa dizer=abordar questão=meridional governo=e outras expressões, que se encontram no decurso da obra.

Extenso de mais vae já este trabalho. Uma analyse completa da *Historia Geral* levar-nos-hia muito longe.

Nosso intuito não foi fazer uma critica litteraria desta obra: quizemos apenas dar della uma amostra, que a tornasse conhecida.

É já tempo de pôr termo á esta tarefa ingrata.....

Sim; tarefa ingrata essa, em que a critica não póde ter uma palavra de benignidade sob pena de sacrificar a verdade, de santificar o erro.

Que prazer para nós, que jubilo para todos os brasileiros, se a *Historia Geral* traduzisse em suas paginas a grandesa desta terra abençoada, e nos dêsse occasião de depôr na frente de seu autor o louro merecido de uma gloria immorredoura?

Fomos severos: mas não podiamos em criminoso silencio vêr impassivel lançar-se á face do paiz tantos principios retrogrados, tantas doutrinas, que repugnam a indole brasileira. Era preciso, que um protesto apparecesse—não contra o livro—não contra o autor—mas contra suas idéas; e eis o que justifica nossa critica.

Que triste decepção para o brasileiro amante de sua patria depois da leitura desta obra? Pois que! O Brasil ainda não tem um historiador?

A magestade das nossas florestas, a luz dos tropicos ainda não

achou o seu interprete! A grandesa da terra de Santa Cruz é uma pagina muda para o brasileiro!

Quando, em que dia feliz apparecerá aquelle, que á luz do patriotismo se embrenhe na terra escura do passado, evoque o genio das gerações extinctas, e traduza em uma historia nacional, como em uma epopéa, as glorias do Imperio de Santa Cruz!

Quando?.....

S. Paulo 1858.

F. I. M. Homem de Mello.

---

### **Duas palavras á proposito do artigo—Morte de Marilia de Dircêo—do Snr. Lopes de Mendonça.**

Lendo nós as notas e additamentos ás *Memorias de Litteratura Contemporanea* pelo Snr. Lopes de Mendonça, deparámos ahi com o artigo—*Morte de Marilia de Dircêo*.

Não podemos conceber como o illustre escriptor que falla de nossas cousas como se fosse brasileiro, com o mesmo entusiasmo e com o mesmo amor, que faz tanta justiça ao Snr. Gonçalves Dias, e Alvares de Azevedo, esse genio que se finou em flor, o Snr. Lopes de Mendonça que aprecia tão devidamente as qualidades moraes e intellectuaes do nosso eminente diplomata o Snr. Marquez de Abrantes, não podemos conceber, digo, que elle quizesse vir seriamente desenterrar os restos mortaes de nossa heroína Marilia de Dircêo, para deshonorá-los, cuspiendo sobre elles o escarneo, e cubrindo-os do ridiculo! Pensamos antes que o Snr. Lopes de Mendonça quiz mostrar que não havia de ser dos ultimos se escrevesse farças e comedias.

(Perdôe-nos o Snr. Lopes de Mendonça a franqueza) muito embora sejamos um dos admiradores do seu talento, não podemos deixar de responder, e até de reprovar suas facecias: sabemos que ras-tejamos á sombra do nosso nada, mas temos energia para protestar contra todo e qualquer ridiculo atirado sobre as cousas mais serias de nossa terra. Á memoria de Marilia de Dircêo se liga o episodio mais bello, e ao mesmo tempo mais dramatico de nossa historia.

Se o Snr. Lopes de Mendonça lêsse o que se deu na despedida de Gonzaga e de Marilia, em que a amante quasi que succumbio á dor; se soubesse que o povo em seu delirio tornou incommunica-veis os Inconfidentes, martyres da liberdade, e que seria completamente impossivel á Marilia acompanhar á seu amante no desterro, não diria affoitamente que Marilia é culpada porque «não se lembrou de o ir consolar, de ir viver, e de ir morrer com elle.»

Julga acaso o distincto escriptor que Marilia tornou-se indiffe-rente á sorte de Gonzaga, que morreo-lhe no coração a saudade?

Em nome da verdade, em respeito ás cinzas veneraveis de nossa heroína, protestamos contra semelhante supposição. O luto que trouxe até sua morte desde que se despedio de Gonzaga pela ultima vez, as lagrimas que espontaneamente se deslisavam de seus olhos só ao ouvir proferir o nome de seu amante, a abnegação de tudo quanto era praser, e finalmente esse facto tão significativo de nunca mais lançar a vista para o jardim onde ia colher flores para mimosear seu Dircêo, tudo isto é um desmentido solemne ás palavras do Snr. Lopes de Mendonça! O illustre escriptor queria que Marilia, á exemplo das Lauras e Fornarinas, fosse consumindo aos poucos seus dias de vida, e em lento suicidio fosse dar d'encontro á uma sepultura: porem Marilia não era só amante, era tambem christan, e muito religiosa. O Paganismo e o Stoicismo podião admirar a um Catão que expira em Utica abraçado com a liberdade por não poder lhe dar vida; podião admirar a um Bruto e um Cassio que em Philippos se suicidão porque não era mais possivel a Republica Romana! Mas os tempos do Paganismo e do Stoicismo felizmente já lá se vão bem longe de nós, já se acabarão os sacrificios humanos; já a Omnipotente Roma não se ajunta em roda do Circo para assistir o espectáculo atterrador das victimas christãs á braços com os tigres e leões! O Paganismo morreo suffocado no sangue dos martyres; Christo de cima do Golgotha cavou-lhe a sepultura!

Hoje são outros os principios que dirigem as sociedades modernas; o nosso Divino Mestre veio regenerar a humanidade. A moral christã nos impõe deveres que devemos observar religiosamente: o dever que temos de conservar e aperfeiçoar o nosso corpo é tão sagrado como o da caridade: não podemos desamparar o posto onde fomos collocados sem nos tornarmos criminosos perante Deos, perante a lei natural, e perante a nossa propria consciencia. Foi levada por estes principios que Marilia antes quiz supportar a dor por tanto tempo, do que furtar-se á ella n'um suicidio, o que seria facil.

Que praser não teria Gonzaga se soubesse que sua amante conseguira vencer a desgraça, Gonzaga que do fundo de denegridas masmorras lhe escrevia:

Não temas que do rosto a côr se mude;  
Vence as rochas e os troncos  
A solida virtude!

Mal sabia o Snr. Lopes de Mendonça que accusando tão fortemente á Marilia por ter resistido á dor, e por ter chegado á idade de oitenta e quatro annos, ia cahir na mais palpavel contradicção: o que diz elle fallando do Snr. Augusto Lima, poeta portuguez?

Ouçamol-o; e por mais que o coração do poeta se pudesse

offender com a critica, não acharíamos nós desculpa nesta linda quadra de sua poesia—*Resignação.*—

Sou homem, devo ser forte,  
Devo a desgraça affrontar;  
Sou poeta, é minha sorte  
Quando soffro abençoar?

E esta quadra, continúa o Snr. Lopes de Mendonça, exprime mais do que um lindo pensamento, revela toda a alma do Snr. Lima. É que elle tem força para soffrer, não possui a energia de reacção para cuspir no mundo que lhe desfolhou sua corôa de illusões, e que lhe exige em paga toda a abnegação do sacrificio.

E para que o illustre escriptor crimina tanto ao Snr. Augusto Zaluar por entregar-se á dor, para que traz o exemplo de si mesmo quando na idade de dezeseite annos foi arrancado dos braços de sua familia, dizendo que não esmoreceo, que teve fé em Deos? Se fosse consequente, deveria curvar-se á desgraça.

Não é quando um homem se adormece nos braços da fortuna e da prosperidade, e acorda envolto em pujanças de gloria que é grande; só merece este nome quando soffre com paciencia a mão da desgraça pesando com toda a força sobre sua cabeça, sem fazel-a dobrar; eu admiro mais a Camões quando expira no seio da miseria abraçando-se resignado com a cruz de Deos, do que quando cobre-se dos louros da victoria, e salva nadando o seu poema monumental para vir brindar sua patria com elle! Eu admiro mais a Napoleão abaixando humilde sua vasta cabeça diante do infortunio, do que quando elle cercado de prestígio fazia tremular sua aguia vencedora em Arcole, Marengo, e Austerlitz, e admiro-o mais lançando triste os olhos para sua patria tendo fé em Deos, do que quando perante sua Omnipotencia se ajoelhavão os reis captivos, e o saudavão com a fronte no pó!

Dorme em paz, Marilia de Dirceô! Tua vida exemplar, a humildade e resignação com que soffreste a desgraça, a tua fé immensa ao Creador, tudo já foi pesado por elle. Em tua alma tumultuou por muito tempo a paixão; mas por fim a venceste, elevando-te acima do teu sexo, pois arrostaste como uma heroína a desventura; foste mil vezes mais sublime do que as Lauras e Fornarinas!

S. Paulo 23 de Março de 1858.

*F. I. de Carvalho Rezende.*